

8. X. 546

# V--O martírio heroico da Igreja

## -- "O vosso Cristo, nós o odiamos!," -- Nu no cimento nu -- Balanço doloroso, mas gloriosíssimo

A Gestapo havia dissolvido na França as organizações da Acção Católica. A sede da J. O. C. tinha sido selada e o seu Assistente Nacional, o Cônego Guerin, encerrado numa prisão. O mesmo acontecera ao escutismo e outras organizações. Bem compreensível era a sua raiva quando veio a descobrir que todas estas organizações funcionavam na própria Alemanha, ali mesmo nas barbas dos seus agentes!

Receandó providências contra-producentes começou a Gestapo por «visitar» amiudadas vezes a «Aumonerie» em Paris, e submeter o P.<sup>o</sup> Rodhain a múltiplos interrogatórios, com o objectivo de encher seus «dossiers». Em fins de Abril de 1944, era o próprio Cardeal Suhard que recebia a visita da Gestapo para obter de Sua Eminência a destituição do P.<sup>o</sup> Rodhain. Perante o insucesso das suas tentativas, era agora o próprio P.<sup>o</sup> Rodhain que recebia a intimativa de proibir os Padres franceses de exercerem o culto na Alemanha ou de celebrarem a Missa para os seus compatriotas. Não tendo sido mais bem sucedidos nestas ameaçadoras intimativas, começaram a aplicar medidas mais enérgicas. Foi, primeiro, a busca e a expulsão de todos os seminaristas requisitados para o trabalho obrigatório na Alemanha. Pouco tempo depois, a prisão de todos os Padres que puderam descobrir e dos seus melhores militantes.

Uma tarde de mais. O clero tinha feito a sua obra, tinha formado equipes de militantes destemidos, tinha conquistado a simpatia e o amor da maioria dos seus compatriotas, irmãos na miséria. Não podia já ser destruída uma obra assente em

tanto heroísmo e tanto sacrificio. Muito menos poderia ser destruída agora, que ia ser cimentada com o sangue dos mártires.

Durante meses e meses, sucederam-se em ritmo espantoso, as cenas de catacumba: «eu digo Missa com mãos ignóbeis mas triunfais», tinha mandado dizer o P.<sup>o</sup> Dillard, dominicano,

(Continua na 5.<sup>a</sup> página)

que haveria de succumbir aos maus tratos dos nazis.

«A hora ao mesmo tempo dolorosa e gloriosa de acompanhar o nosso Mestre até ao Calvário, chegou enfim!», escrevia um outro dominicano que escapou com vida ainda.

E que Calvário!

As prisões foram sucessivas, sob a acusação de actividade politica, de serviço em favor do inimigo e conspiração contra a segurança do Reich. Repetia-se a cena do Pretório.

Mas eles bem sabiam que não era assim e bem deram provas das suas verdadeiras intenções na raiva com que arrancavam aos prisioneiros todos os distintivos religiosos, como medalhas e terços: «O vosso Cristo, nós O odiamos!»

O ódio cevou-se brutalmente, da facto, no corpo do Senhor.

Interrogados, insultados, flagelados a chicote, estes mártires da Fé sofreram as mais inacreditáveis torturas. Basta ler a já numerosa série de livros escritos por estes Padres para fazer uma pálida idéia do que foi aquilo. O P.<sup>o</sup> Bousquet, com outros, teve de se deitar nu no cimento nu, todas as noites durante cinco meses na mais sordida das prisões, sem um só trapo que os cobrisse, nem pedra que lhes servisse de travesseiro. Enregelados e entorpecidos, eram levados para o duche de água fervente umas vezes, de água gelada, outras vezes. A maior parte dos seus companheiros succumbiu ou endoideceu. Todos os que ficaram trazem marcados nas carnes os sulcos das flagelações sucessivas, brutais, e penam ainda nas camas dos hospitais em busca de uma saúde que a fome e a sede para sempre arruinaram.

Os livros *Hors des barbelés* do P.<sup>o</sup> Bousquet, *Suprêmes témoignages*, apócrifo do P.<sup>o</sup> Dillard, *Journal d'un prêtre ouvrier en Allemagne*, «*De mon presbytère aux bagnes nazis*», e tantos outros, são um testemunho autentico e impressionante da maior brutalidade e selvageria que possamos imaginar.

O P.<sup>o</sup> Doyen, dominicano, fazendo o balanço de toda esta epopeia, escreve:

«Muito bem se fez sob o ponto de vista espiritual: nós vivemos na Alemanha um cristianismo verdadeiro, forte, a exemplo da Igreja dos primeiros tempos. Os nossos companheiros tomaram contacto conosco; eles nos observaram na nossa vida de cada dia, e muitos reciprocos preconceitos tombaram. Muitas misérias foram aliviadas, muita coragem fortalecida, muitos moribundos confortados.

«Nós demos testemunho de Cristo em face de um mundo pagão e desorientado. Muitos de entre nós ofereceram a vida pelo Santo Amigo incomparável. O Santo Padre, comovido pela descrição que lhe fazia o P.<sup>o</sup> Rodhain, disse daqueles que morreram por causa do seu sacerdotio ou da sua fé: «são autênticos mártires». Alguns foram-no no sentido próprio da palavra, muitos, em todo o caso, sofreram por Cristo.

«Da equipe dos primeiros sacerdotes clandestinos três morreram. O P.<sup>o</sup> Dillard, dominicano, o P.<sup>o</sup> Giraudet e o P.<sup>o</sup> De Porcaro. Muitos regressaram esgotados, doentes, meios-mortos. Numerosos jocistas, escutas, etc. nos deixaram para a Casa do Pai; morreram em Zwichau, Munich, Mittelsee, Buchenwald, Flossenbourg, Dore, Harleestadt e noutros campos de morte.

«Eis o balanço doloroso por certo, mas gloriosissimo. Demos graças a Deus pela «étape» que se termina, pelo sofrimento que permitiu e nos ajudou a suportar, pelo bem que se fez, pelas amizades que nasceram. Demos graças também pelos nossos mártires.»

Demos graças a Deus! Explica, com efeito, o P.<sup>o</sup> Bousquet num dos seus livros: «Assim, os campos de concentração, as prisões hitlerianas tornaram-se em instrumentos providenciais de purificação, onde milhões de jovens, de homens e de mulheres trabalharam, pelos seus indescrevíveis sofrimentos e pela sua morte, na fecundação de um mundo novo.»

E o mundo novo já nasceu, gerado pelo sangue e pelas lá-

grimas do Corpo Místico de Cristo. Pelo menos, pareceu-nos ter palpado em França um mundo novo que desponta.